

Introdução

Há ainda quem acredite que somos o país do futuro?

Alguns de nós estamos indo bem, obrigado, alguns setores da economia se desenvolvem, mas será que nossas esperanças em um país rico, justo e fraterno ainda está de pé? Está bem, foram mais de trezentos anos de Colônia, um Império para poucos, uma República tocada a trancos e barrancos e algumas ditaduras. Mas já estamos com vinte anos de democracia formal e cadê o futuro?

Este livro pergunta se temos futuro, já que somos um país em que falta lei, educação, cultura, leitores, igualdade (racial e social) e, parece, até um pouco de caráter. Aparentemente, experimentamos de tudo: nos últimos vinte anos testamos governos tidos como conservadores, social

democratas, messiânicos, esquerdistas e até Itamar Franco. Colocamos no poder gente de bigode, sem bigode, de barba, sem barba, gente que tomava decisões intempestivamente, gente que demorava meses para decidir qualquer coisa e o resultado é que o país tem crescido menos do que a América Latina como um todo, foi ultrapassado por várias nações e continua pobre. E desigual. Sem educação adequada, sem cultura para todos, sem rumo para muitos.

A pergunta cabe: nosso país tem jeito? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui? Não se trata, é claro, de se contentar com vitórias passageiras e aparentes, que nos são mostradas pelas máquinas de propaganda governamentais. Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento, justiça social, infra-estrutura, saúde e educação de qualidade para todos, eficiência, responsabilidade e honestidade no setor público (e no privado), estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

Num momento em que os sonhos se resumem em aparentar e consumir, pode soar um pouco raro, mas sou da geração que tinha fé. Uns confiavam na revolução, definitiva ou por etapas (antes a burguesa, depois a proletária), pelas armas ou pelo voto, a partir do campo ou da cidade. Outros acreditavam no “socialismo moreno” de Darcy Ribeiro, na “cordialidade” de Sergio Buarque de Holanda ou na “divisão do bolo” (acumulado a duras penas) de Delfim Neto. Havia até os que desenvolveram crença ingênua na Zélia do Collor ou mesmo na pirotecnia incoseqüente de tantos milagreiros que estiveram no poder ou pregavam por aí... Em nome do futuro idealizado, da utopia de cada um, já se discutiu muito, já se escreveu e discursou, já se matou e morreu. Ao contrário dos oportunistas que sempre buscaram o poder para dele se beneficiar (não é de hoje que cueca é cofre de dólares), havia idealistas de diferentes facções políticas, gente que agora se sente incomodada (e até fracassada) por não ver o país “no lugar que lhe cabe”.

Não são todos que são indiferentes com relação à miséria explícita e estatística ou com o analfabetismo total ou funcional que ostentamos. Nos momentos de tristeza e depressão achamos o país uma droga, o “brasileiro” um perdedor. Na hora de euforia, que hoje em dia não vai muito além das vitórias no futebol e alguns outros esportes, exaltamos nossas virtudes, que não têm sido suficientes para transformar (usando o lugar-comum) o país que temos no país que queremos.

Mas, queremos mesmo? E queremos, exatamente, o quê?

De resto, queremos todos o mesmo? Nós quem?

Quem somos, afinal? Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes ingênuos, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos? E precisamos do quê? de uma revolução social, de um choque de liberalismos, de políticos capazes (e de onde apareceriam esses seres de ficção?), de seriedade pura e simples (a decantada “vergonha na cara”), de participação popular, de mais capacidade de decisão, de divisão de poder, de centralização do poder?

A maioria dos analistas contemporâneos, da mesma forma que todos os grandes explicadores clássicos do Brasil (independentemente de sua competência), têm se preocupado em equacionar nossos problemas a partir de fórmulas gerais, que possam dar conta de todas as nossas mazelas. Temos horror ao micro, ao pequeno, ao cotidiano. Lembro-me de um amigo que questionava meus artigos sobre a cidade em que vivíamos afirmando ter saudades do Pinsky que pensava grande... Ora, a prática social das pessoas pode ser percebida melhor nas situações cotidianas do que na declaração genérica de intenções. Aquele vizinho de garagem que rouba a vaga do outro, o síndico que consegue vantagens pessoais dos fornecedores do condomínio, o dono da cobertura que faz festas ruidosas sem se importar com mais ninguém, o adolescente que usa a sala de ginástica e deixa tudo lambuzado de suor são figuras que agem contra o coletivo em situações de pequenos grupos, mas que poderiam perfeitamente prejudicar muito mais gente se seu espectro de atuação fosse mais amplo. Por comodismo, ou temor ao confronto, os

vizinhos deixam “por isso mesmo”, o que faz com que as atitudes anti-sociais não sejam reprimidas e, conseqüentemente, se repitam.

Meu interlocutor, nesse ponto, terá todo o direito de retrucar: “Espera lá, espera lá, agora você vai dizer que a festa do meu filho foi a culpada pelo atraso do nosso país, não a roubalheira dos políticos e a ineficiência da justiça”? Não é bem assim, mas meu ponto é que nossa incoseqüência e baixo sentido de cidadania faz com que sejamos radicais no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar. Só se muda quando se deseja e se não mudamos é porque não queremos.

Mudanças ocorrem não por acaso, mas com fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século XIX não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava tão espalhada pelo país (havia escravos de uso e de ganho em quase todas as “boas” casas das cidades brasileiras). Da mesma forma, o país não muda porque nós não atuamos concretamente para que ele mude.

Não se trata de fatalidade histórica, de injunções internacionais intoleráveis, de pacto da burguesia contra mudanças, de elites que são contra (são mesmo, e daí?), de falta de quadros ou de vergonha (ou os dois). Episódios recentes, proporcionados pelo PT no governo, aquele mesmo que (com razão) pregava a moralidade no trato das coisas públicas, não podem nos levar a conclusões apressadas. Em primeiro lugar porque já está na hora de suspender nossa crença em soluções salvadoras e messiânicas, venham elas de um mauricinho de Maceió, de um “sapo barbudo” de Garanhuns ou de um caudilho gaúcho. O país não é algo que pode ser terceirizado, entregue a pessoas supostamente competentes e ponto, como fazemos, às vezes, ao largar nossos filhos nas escolas ou ao internar nossos avós em casas de repouso onde possam morrer sem nos incomodar.

O amor ao país (como qualquer outro) precisa ser declarado a cada dia e, mais do que declarado, provado. Práticas cidadãs não rimam com

esperteza, com levar vantagem, com ser anti-republicano. Um país se constrói a partir de um pacto social em que todos somos protagonistas, não espectadores.

É hora de sermos protagonistas. E este livro dá algumas idéias de como fazê-lo.

Ah, o Brasil tem futuro? Essa pergunta só tem uma resposta: que futuro nós queremos construir para o Brasil?